

DO CATALÃO AO PORTUGUÊS: JOÃO CABRAL TRADUTOR

Ricardo Souza de CARVALHO¹

- **RESUMO:** O ensaio focaliza as traduções de poesia catalã por João Cabral, tanto em função de sua trajetória poética, quanto de sua publicação na *Revista Brasileira de Poesia*, em 1949.
- **PALAVRAS-CHAVE:** João Cabral. Poesia catalã. Tradução.

De acordo com a monumental *Civil geometria: bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto*, de Zila Mamede (1987), o poeta de *Morte e vida Severina* fez poucas incursões na tradução de poesia. Além dos *Quinze poetas catalães* para a *Revista Brasileira de Poesia* (1949), verteu ao português três poetas para a coletânea de poemas norte-americanos, *Videntes e sonâmbulos*, organizada por Oswaldino Marques (1955), e cinco poemas de Robert Bringham, para a antologia *Quingumbo*, da nova poesia norte-americana, compilada por Kerry Shawn Keys (1980). Cabral teria sido um tradutor “bissexto”, glosando a denominação “poeta bissexto” cunhada por Manuel Bandeira, que também foi um grande tradutor, para se referir aqueles que compõe versos de vez em quando. Essa pequena amostra não despertou o interesse da fortuna crítica cabralina. Porém, em lugar de considerar como algo isolado e sem maiores conseqüências, analisamos mais detidamente as traduções dos poetas catalães, a fim de relacioná-las com a trajetória poética de Cabral. Propõe-se, dessa maneira, a reflexão de como a tradução de poesia de um poeta, desde suas escolhas até as soluções adotadas, pode ajudar a explicar sua própria poesia. A partir desse enfoque, em vez de uma atividade secundária ou paralela, a tradução de poesia talvez se revele tão importante quanto a poesia autoral.

Conhecendo o catalão e a poesia catalã

João Cabral deixou pela primeira vez o país para trabalhar como cônsul-geral em Barcelona, de 1947 a 1950. Na bagagem poética, trazia dois livros publicados, *Pedra do sono* (1942) e *O engenheiro* (1945), e parte de *Psicologia da composição*, que logo

¹ Professor de Literatura Brasileira. USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – risocarvalho@hotmail.com
Artigo recebido em 12.12.2008 e aprovado em 09.05.2009.

confeccionou na sua prensa manual, *com a Fábula de Anfion e Antióde*, dando início ao selo O Livro Inconsútil. Somente voltaria à poesia com *O cão sem plumas*, impresso em 1950 na mesma série, marco na sua obra da incorporação de uma realidade social. Ao que se tem notícia, portanto, houve um período de mais ou menos dois anos de interrupção na produção poética de Cabral, ocupado, entre outras coisas, na elaboração do formidável ensaio sobre Joan Miró, lançado em 1950. Mas pouco ou nada se comenta que nesse mesmo momento Cabral esteve muito envolvido com a leitura e tradução de poesia catalã. Enquanto pensava em um novo rumo a sua poesia que chegara a um ponto crucial pela busca da objetividade e da construção, conhecer e experimentar a poesia de um outro – entenda-se aqui um outro idioma e uma outra tradição poética – parece ter contribuído para a solução dos impasses.

Logo em carta de 30 de julho de 1947, Bandeira perguntou a Cabral sobre os “poetas da terra”, pois na última edição de 1946 de sua obra *Noções de histórias das literaturas* incluía algumas informações sobre a literatura catalã, no capítulo “Literaturas da Espanha” (SÜSSEKIND, 2001, p.27). Após a apresentação dos períodos da literatura em castelhano, reserva um pequeno espaço às literaturas em catalão e em galego:

O catalão, falado nas províncias de Gerona, Barcelona, Tarragona, Lérida, Valência, Alicante, Castellón de la Plana e nas ilhas Baleares, tornou-se língua literária entre os séculos XIV e XVI, atingindo maior altura nos *Cants d'Amor e Cants de Mort* de Ausías March, [...] No século XVII, porém, uma série de decretos acabou tirando ao catalão a dignidade de idioma oficial. Só no começo do século XIX, ao influxo das doutrinas românticas, se delineia na Catalunha um movimento de revivescência literária, que aliás se exprime a princípio em castelhano.

[...]

A poesia moderna inicia-se com Joan Maragall (1860-1911), proclamado por Unamuno um dos mais altos poetas da nossa época, e Joan Alcover (1854-1926), tido por muitos como o melhor elegista da Espanha contemporânea. Por volta de 1910 inspira-se a nova geração no simbolismo: J. M. López-Picó, cuja obra abundante e vária representa a contribuição mais importante da Catalunha à poesia européia hodierna, Joseph Carner, Eugeni D'Ors, Carles Riba e Guerau de Liost. Entre os mais novos, Josep Maria de Sagarra, Joan Arús, Ventura Garsol, Joaquín Folguera, Joan Salvat-Papasseit, J. Millás Raurell e Tomás Garcés. (BANDEIRA, 1969, p.152-153).

Na resposta, a 4 de setembro, Cabral comentou que estava imerso na poesia espanhola, mas em castelhano. No entanto, não se mostrou indiferente à questão do amigo. Meses depois, em carta de 17 de fevereiro de 1948 confessou que ela o fizera “criar vergonha”: “Comecei a ler e a aprender a língua do país e em sua

literatura descobri enormes coisas.” (SÜSSEKIND, 2001, p.61). Vinha se dedicando à tradução, principalmente das *tankeas*, forma clássica da poesia japonesa cultivada na obra *Del joc i del foc* [Do jogo e do fogo] (1946) de Carles Riba (1893-1959). Três dessas traduções foram divulgadas no número 16 de *Ariel. Revista de Les Arts*, de abril de 1948, as quais não foram registradas no trabalho de Zila Mamede, podendo ser consideradas as primeiras traduções ao catalão divulgadas por Cabral. Entre elas, está a Tanka XXXVIII, “*Infant refugiat adormit*” (Criança refugiada adormecida), em que o “novo poema” em português chamaria a atenção dos leitores para as similaridades e diferenças para com o catalão:

Como quem repousa
no amor ou na onda,
dormes, filho
da guerra, no inumerável
regaço ausente da fuga.

Com qui repousa
en l'amor o en l'onada,
fill de la guerra,
dorms en la innumerable
falda absent de la fuga. (TRIADÚ, 1948, p.40).

Para acompanhar as traduções, o poeta Joan Triadú (1948, p.40) preparou uma nota intitulada “Brasil i Catalunya”, na qual considera *Psicologia da composição* com uma “nítida austeridade de expressão que se mantém na linha das proximidades Guillén-Riba, e de certa maneira, Valéry.” Sugere, assim, uma linhagem de poetas conscientes em seu ofício, dos quais Cabral procurava se aproximar. No caso específico das *tankeas* de Riba, sua brevidade revela-se como exemplo do almejado “Riguroso horizonte”, verso de Jorge Guillén que se transforma em epígrafe de *Psicologia da composição*. Aliás, Cabral, como sinal de sua admiração, ofereceu exemplares desse volume artesanal tanto a Riba², quanto a Guillén³.

Em carta de 20 de julho desse 1948, Cabral voltou a lembrar a Bandeira de seu interesse pela poesia catalã despertado por ele, enumerando os poetas que mereciam ser lidos: “Verdaguer, Costa i Llobera, Alcover, Magagall; posteriormente; Josep Carner, Guerau de Liost, J. M. López-Picó, J.M. de Sagarra, Carles Riba; e a geração dos nascidos neste século, na qual há outros muito bons.” (SÜSSEKIND, 2001, p.

² “A Carles Riba, homenagem de admiração de João Cabral de Melo Neto Barcelona, 1948” (Biblioteca de Catalunya – Barcelona).

³ “A Jorge Guillén, homenagem de João Cabral de Melo Neto Barcelona, 14.VIII.948” (Biblioteca Pública de Valladolid).

88). E anuncia a vontade de não apenas ler e conhecer, mas também de traduzir: “Tenho muitas traduções em projeto, sobretudo de Maragall, López-Picó, Carles Riba, este último é a meu ver o melhor de todos, dele traduzi uma grande quantidade de *tankas* [...]” (SÜSSEKIND, 2001, p.88). Além das três *tankas* de Riba traduzidas para a revista *Ariel*, transcreve mais traduções de poemas para “acabar de encher o papel”: dois de López-Picó, um de Maragall e dois de Riba, os quais, ao que se sabe, não chegaram a ser publicados, porém dão uma medida de como Cabral se encontrava mergulhado na tradução da poesia catalã e que estava longe de ser mero exercício.

Ainda na mesma carta, Cabral se mostrou sensibilizado com a difícil situação da língua catalã na ditadura franquista, que perseguiu as demais línguas da Espanha em favor da dominação exclusiva do castelhano:

[...]desde 1939, é perseguido aqui. A princípio não podiam nem falar; a partir do desembarque dos americanos na África, passaram a tolerar a língua oral; a partir de 1945, fim da guerra, passaram a permitir os livros em catalão, se em pequenas tiragens fora do comércio; e, finalmente, de um ano para cá, permitem os livros – com restrições – mas não as revistas e os jornais. (SÜSSEKIND, 2001, p.89).

Cabral não se limitou aos autores mais consagrados, interessando-se também pela obra dos mais jovens. Muitos deles tinham Riba como mestre e estavam aglutinados em torno da mencionada revista *Ariel*, veículo de 1946 a 1951 da nova geração que queria retomar a tradição cultural catalã sufocada pela repressão do pós-guerra. Provavelmente Cabral acompanhava a produção recente pelas páginas de *Ariel* e pelo contato com os próprios poetas, como Joan Triadó.

A fim de divulgar a poesia catalã no Brasil, Cabral planejou uma antologia de 15 poetas, como informou Rosa Leveroni a Josep Palau i Fabre, dois poetas vertidos ao português pelo brasileiro, em carta de 19 de novembro de 1948:

Pergunta-me notícias sobre a Antologia que prepara o Sr. João Cabral de Melo. Eu apenas posso lhe dizer que o pouco que sei disso, Joan Perucho me informou um dia por telefone, que me disse que este senhor preparava a edição no Brasil – eu acho – de suas traduções de 15 poetas nossos, e que entre eles ali estavam eu e você (é uma antologia de poesia jovem, embora acho que inclui também Manén e Garcés) e que perguntava com urgência dados biográficos [...] Quem poderia lhe informar melhor, suponho, é Perucho mesmo. Eu, de todas as maneiras, quando o vir, vou lhe pedir mais informação, que terei muito prazer em mandar-lhe. (BARENYS, 1998, p.45).

A antologia não teve divulgação autônoma, mas sim foi publicada sob o título *Quinze poetas catalães*, em fevereiro de 1949, na *Revista Brasileira de Poesia*, o que implicou em algumas especificidades na recepção das traduções.

A tradução na *Revista Brasileira de Poesia*

O número 68 da Rua São Bento, no centro da capital paulista, abrigou a redação e administração dos 7 números da *Revista Brasileira de Poesia*: depois da saída semestral dos 5 primeiros – dezembro de 1947 (n. 1), abril de 1948 (n. 2), agosto de 1948 (n. 3), fevereiro de 1949 (n. 4) e setembro de 1949 (n. 5) – foram lançados mais dois últimos esparsos – junho de 1953 (n. 6) e abril de 1956 (n. 7). Apesar dos poucos números, tanto pelos seus colaboradores, quanto pelas repercussões na vida literária de São Paulo no final dos anos 40 e início dos 50, pode ser considerada um veículo importante para se rastrear um momento ainda pouco estudado da poesia brasileira do século XX, muitas vezes recebido com reservas sob o rótulo de “Geração de 45”.

Sob a direção, entre outros, de dois dos mais atuantes poetas do período, Péricles Eugênio da Silva Ramos e Domingos Carvalho da Silva, desde o formato tradicional e comedido, a *Revista Brasileira de Poesia* nada se parece com as revistas explosivas e inventivas dos tempos áureos do Modernismo, como *Klaxon* e a *Revista da Antropofagia*.

Apenas dois anos da morte de Mário de Andrade e da publicação póstuma de *Lira paulistana*, essa grande referência poética é lembrada por Péricles Eugênio no artigo de abertura do primeiro número, “O Neo-Modernismo”, espécie de manifesto da nova tendência poética, da qual o periódico seria um dos promotores. Segundo Péricles Eugênio da Silva Ramos (1947, p.3), a própria poesia de Mário refletiria a trajetória da poesia brasileira na primeira metade do século XX: “[...] dos poemas arlequinais e sem equilíbrio da primeira fase, passa ele, no fim de sua vida, a uma poesia descarnada, sóbria e digna, que constitui, sob muitos aspectos, o protótipo do neo-modernismo.” Conclui que o “neo-modernismo” “[...] não é nem pode mesmo ser uma negação do modernismo: ao contrário, é uma resultante, um produto fundamentado de sua evolução.” Mas essa visão ponderada não vai prevalecer entre muitos dos novos poetas, que iriam contrapor sua produção “equilibrada” e “universalista” ao “descuido formal” e “prosáismo” dos modernistas.

A tradução ocupa um grande espaço na *Revista Brasileira de Poesia*, divulgando, em todos os números, poetas de vários idiomas, como o francês Paul Valéry, o cubano Nicolás Guillén e o alemão Rainer Maria Rilke. Sua importância é ratificada

no discurso “O internacionalismo da poesia e o papel do tradutor”, pronunciado pelo norte-americano Leonard S. Downes no Congresso Brasileiro de Poesia, promovido pelo periódico, de 29 de abril a maio de 1948. De acordo com Downes (1948, p.14), o tradutor “tem uma função objetiva”:

Serve de guia para os seus compatriotas que não tem a oportunidade de seguir os caminhos possíveis na floresta duma literatura estrangeira. Em certos casos podem os seus leitores nunca entrar em contato com o original – quantos ingleses conhecem a poesia chinesa somente através das traduções de Arthur Whaley? Neste caso é muito importante que o tradutor não seja traidor. Outros leitores, porém, serão guiados e conduzidos pelo tradutor até conhecerem pessoalmente o original. Neste caso, basta que o tradutor seja o pioneiro que relata as suas investigações preliminares e faz a apresentação dos dois, que se buscavam em vão sem a ajuda dele.

Além de revelar preferências e possíveis parâmetros, a tradução tornou-se valiosa para a formação dessa geração poética que prezava as técnicas do verso, se pensarmos que o ofício antes deles fora relegado, com a honrosa exceção de Manuel Bandeira, que em 1945 publicara seus *Poemas traduzidos*. Péricles Eugênio da Silva Ramos, por exemplo, fez carreira como um grande tradutor de poetas como Virgílio, Shakespeare, Góngora, Whitman, entre outros.⁴

O período de circulação da *Revista Brasileira de Poesia*, de 1947 a 1956, corresponde a uma etapa decisiva na trajetória de João Cabral, que por sinal fez parte do conselho consultivo do periódico a partir de seu terceiro número. Mas já desde o segundo comparecia pela resenha de Domingos Carvalho da Silva a respeito de *Psicologia da composição*. Carvalho da Silva (1948) faz restrições ao “outro lado da poesia, isto é, o seu avesso, senão a sua negação” que teria atingido Cabral ao sobrepor a “mecânica racional aos terremotos da intuição”. E para justificá-las, associa Cabral aos poetas que vinham surgindo:

[...] chegamos a uma fase em que os poetas da geração a que pertencem Cabral de Melo, Bueno de Rivera, Péricles da Silva Ramos e outros não mais poderão nutrir-se de ilusões ou elogios fáceis. Sua responsabilidade, como sucessores dos homens de 22, hoje quase todos em estagnação ou decadência, é muito grande. Só se manterão em equilíbrio se seus passos forem firmes e para isto não lhes bastará incenso. (SILVA, 1948, p.80).

⁴ A Editora Hedra de São Paulo, em sua Coleção de Bolso, vem relançando as traduções de poesia de Péricles Eugênio: *Balada dos enforcados e outros poemas* de Villon (2008), *Fábula de Polifemo e Galatéia e outros poemas* de Góngora (2008), *Poemas* de Byron (2007) e *Sonetos* de Shakespeare (2007).

Apesar da insistência ainda de se rotular Cabral como pertencente à “Geração de 45”, ele nada tinha a ver com esse grupo de poetas, a não ser a cronologia da estréia.⁵ Ao lado de *Quinze poetas catalães*, a participação mais significativa de Cabral em torno da *Revista Brasileira de Poesia* foi a conferência “Poesia e composição – A inspiração e o trabalho de arte”, proferida em 13 de novembro de 1952 como parte integrante do Curso de poética promovido pelo Clube de Poesia.⁶ Para se ter uma idéia da distância entre Cabral e os demais poetas envolvidos, basta ver os títulos das outras conferências em que pesam questões mais formais: “Poética e Retórica – pontos em comum do vocabulário técnico – as chamadas figuras de palavras”, de Geir Campos; “Poética e Retórica – pontos em comum do vocabulário técnico – as chamadas figuras de pensamento”, de José Paulo Moreira da Fonseca; e “Gêneros poéticos”, de Temístocles Linhares. Continuação das reflexões acerca da criação artística no ensaio sobre o pintor Joan Miró de 1949, a conferência, ao propor o equilíbrio entre a inspiração e o trabalho, não deixa escapar a oportunidade de criticar aqueles – logo ali no público – que fazem a obra para seus pares e não para se comunicar com o leitor:

O espetáculo da sociedade aparecerá a esse jovem autor coisa confusa e ele não saberá descobrir, nela, a direção do vento. Por isso, preferirá recorrer ao espetáculo da literatura. A partir da vida literária que está fazendo no momento, ele fundará sua poesia. O confrade lhe é mais real do que o leitor. Ora, no espetáculo dessa vida literária ele pode encontrar autores justificando todas as suas inclinações pessoais, críticos para teorizar sobre sua preguiça ou sua minúcia obsessiva, grupos de artistas com que identificar-se de cujo gosto condenar todo o resto. (MELO NETO, 1998, p.56).

Os impasses da poesia de Cabral não tiveram resolução entre nós. Foi preciso o encontro marcante com a poesia e a cultura espanholas para redimensionar o racionalismo e o esteticismo de sua poesia. Nas obras seguintes, especialmente *O cão sem plumas* (1949-1950), *O rio* (1953) e *Morte e vida Severina* (1954-1955), abriu-se a uma preocupação com o prosaico e o social que não era compartilhada por muitos dos poetas do período. Cabral esteve longe de alimentar a celeuma entre “Modernistas de 22” e “Geração de 45”, investindo na continuidade das lições de Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, para a formação de uma dicção própria, como destacou na série de 4 artigos intitulados “Geração de 45” para o *Diário Carioca*, em 1952 (MELO NETO, 1998).

⁵ Recentemente, Benedito Nunes (2007) abordou o tema no ensaio “A Geração de 45 e João Cabral”.

⁶ Publicada no número 7 da *Revista Brasileira de Poesia* de abril de 1956.

Quinze poetas e poemas catalães

Além de dados biográficos sumários, consta o poema original e a tradução em português.⁷ A ordem dos poetas obedece à cronologia do nascimento: 1898 (Marià Manent), 1899 (Joan Oliver), 1901 (Tomás Garcés), 1910 (Rosa Leveroni), 1913 (Bartolomé Rosselò-Porcel, Joan Teixidor e Salvador Espriu), 1914 (Joan Vinyoli), 1917 (Josep Romeu i Figueras e Josep Palau i Fabre), 1918 (Joan Barat), 1920 (Joan Perucho), 1921 (Joan Triadú), 1924 (Jordi Sarsanedas) e 1927 (Jordi Cots). Mais da metade eram jovens poetas como Cabral. A maioria dos poemas foi divulgada ou pertence a obras da década de 40, com exceção de *La branca* (1918), de Manent, *Les decaptacions* (1934), de Joan Oliver e *Imitació del foc* (1938), de Rosselò-Porcel. As resenhas de algumas obras desses autores, publicadas em *Ariel* ao longo de 1947, demarcam sua diversidade e possíveis pontos de interesse para Cabral: *El Caçador*, de Tomás Garcés, “[...] se enlaça com linhas muito diversas da lírica antiga ou contemporânea. Veia folclórica; ressonâncias dos poetas franceses que exaltaram o subúrbio, as coisas humildes, a ‘presença humana’ [...]” (MANENT, 1947, p.31); em *Poemes*, de Joan Barat, “[...] uma notável e nobre gravidade impulsa os versos a desenvolver-se lentamente, às vezes majestuosamente, e parece como se ao autor lhe preocupasse mais a maneira como dirá aquilo que sente ou aquilo que pensa do que aquilo que sentiu e pensou [...]” (ROMEU I FIGUERAS, 1947, p.48); e em *Càncer*, de Josep Palau Fabre, as “[...] coisas são ditas de uma maneira exata, matemática, com uma clarividência fulminante.” (PERUCHO, 1947, p.117).

O pequeno texto introdutório pode-se juntar a escassa prosa cabralina, quase sempre espaço de reflexão de sua poética. Cabral aproxima os vários autores pela “posição de defesa, defesa tensa, da língua catalã”, aludindo à luta dos poetas catalães contra a repressão lingüística imposta pelo governo de Franco, que desde o início de sua estada em Barcelona lhe chamou a atenção. Entendendo a poesia como “primordialmente, um uso de linguagem”, a deles, portanto, seria “mais de professores e filólogos do que de jornalistas, de conscientes do que de inspirados”. Não se trata apenas de uma imagem, mas de uma comprovação: alguns foram tradutores de poesia ao catalão e ao castelhano (Manent, Vinyoli e Triadú), e professores, como Joan Triadú, leitor de catalão na Universidade de Liverpool (1948-1950), e Jordi Sarsanedas, leitor de castelhano e catalão na Universidade de Glasgow (1948-1950).

Ainda segundo Cabral, eles assumem uma “atitude de autodisciplina e lucidez” em oposição a uma “atitude romântica de abandono à pura espontaneidade e uma

⁷ Nos anexos de *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*, Flora Süssekind reproduz a introdução e os poemas no original e na tradução em português, não trazendo os dados biográficos.

cega – ou mais, justamente, enceguecida – entrega ao impulso de criar.” E finaliza o texto com um sutil recado aos seus compatriotas, preocupados com a “solenidade” e a “nobreza” da poesia:

E, agora, se me é permitida uma parte de julgamento, eu diria que essa atual posição a que foram levados os escritores catalães – uma posição materialista diante da criação poética – talvez contenha uma sugestão digna de ser considerada por parte de poetas de outros idiomas não ameaçados. (SÜSSEKIND, 2001, p.278-279).

Nas traduções, Cabral permaneceu fiel ao original, realizando o mínimo de alterações possíveis. Essa tradução quase literal, em um momento em que ele não escrevia poemas seus, pode revelar uma tentativa de incorporar o poema alheio como se fosse seu, com o fim de esgotar as possibilidades poéticas que experimentara até então. Esclarece, em carta a Lêdo Ivo, de 18 de janeiro de 1949, que havia sobretudo a intenção de dar a conhecer essa poesia: “Não tenho feito nada em poesia, senão traduzir poetas catalães. Que os há e muito bons. Espero algum dia reunir em volume todas elas, menos como *criação* literária do que como divulgação de uns poetas muito bons e muito simpáticos.” (IVO, 2007, p.39).

Na encruzilhada das heranças romântica, simbolista e surrealista – esta última visitada pelo próprio Cabral em sua produção inicial – os poemas ratificam o esforço de dar continuidade à tradição da poesia catalã. Da única presença feminina, a mencionada Rosa Leveroni (1910-1985), Cabral escolheu uma melancólica “Cançó”, que ele leu inicialmente na revista *Ariel*, em seu número 12 de setembro/outubro de 1947:

*Totes les albes há encès
el clam ardent d'una flama.
Tots els estels han donat
un plor subtil de rosada.
El perfum posa carmí
al cor de la rosa blanca
i la daina, dins la font,
cercava un mirall de plata.
He sentit una cançó
i no sé qui la cantava:
semblava venir de lluny
entre sospirs com de branca
i deia ben dolçament:
Ai la trista enamorada!...*

Mil auroras acendeu
o ardente grito da chama.
Dez mil estrelas nos deu
o pranto sutil do orvalho.
Punha o perfume carmim
na alma desta rosa branca
e uma cerva pela fonte
buscava o espelho de prata.
Percebi uma canção
e não sei quem a cantava:
entre suspiros de ramos,
como de longe, chegava,
dizendo bem docemente:
Ai da triste enamorada!... (SÜSSEKIND, 2001, p.286-287).

Por outro lado, Cabral, em sintonia com sua proposta de que a poesia de alguma forma deveria sinalizar uma denúncia sócio-política, também privilegiou os poemas que se abriam para outras paragens além da subjetividade do eu-lírico. Assim, comparece o poema “A Mallorca, durant la guerra civil”, de Bartolomeu Rosseló-Pórcel (1913-1938), que nos remete ao ainda recente trauma da Espanha, e mais especificamente, ao início de uma fase de repressão à língua e cultura catalã. Alguns poemas expressam a luta para resistir e a esperança por mudanças, como verificamos no fragmento de *Endimion*, o único livro de poesia de Joan Triadú, publicado em 1948. Vale lembrar que Endimião é a figura da mitologia grega que dormia eternamente, metáfora pertinente da Catalunha adormecida que os poetas queriam ver desperta:

*Encara és un repòs de les ferides
que láire es lleví, pàtria, del seu son
cansat i taciturn, amic a penes
de les fràgils banderes, dels cabells
més àgils d'un amor, i del somriure
del nostre mar encès de pur matí,
vora la vida. Sempre m'acompanyen
els silencis amics i el cansament
més dolç del seu parlar, quan l'abraçada
pobla els arenys de fruit, ric d'una mort
bens guardada en els anys i les lluites,
i em torna les banderes en el vent
de l'espàtlla segura i exaltada,
mentre els infants ara, amb els ulls de nit,
aspiren la claror del cel salvatge,
i no respon una veu a llur crit,
però fugen ocells de benvinguda.*

É ainda um repouso às feridas
que o ar desperte, pátria, de seu sonho
cansado e taciturno, amigo apenas
de fragéis bandeiras, dos cabelos
mais agéis de um amor, e do sorriso
do nosso mar – aceso de pura manhã,
ao lado da vida. Sempre me acompanham
os silêncios amigos e essa fadiga
tão doce de seu falar, rico de uma morte
bem guardada nos anos e nas lutas
- quando um abraço povoa as areias dos frutos
e me devolve as bandeiras no vento
do ombro seguro e exaltado;
enquanto as crianças agora, com olhos de noite,
aspiram o clarão do céu selvagem,
sem que uma voz responda ao seu chamado
que serve apenas para afugentar os pássaros de boas-vindas. (SÜSSEKIND,
2001, p.304-305).

Não apenas a reivindicação do nacionalismo catalão formava parte do repertório dos poetas. Em tempos de difícil situação econômica do pós-guerra, eles também se voltaram às misérias ao seu redor. No caso da estrofe do poema “Goigs fragmentaris de Barcelona nostra” (Prazeres fragmentários de nossa Barcelona) de Jordi Sarsanedas (1924-2006), Cabral valorizou a interpenetração entre a emotividade do eu lírico e a indigência de uma criança:

*Posaré el meu amor que és tan llarg co les venes
a la boca cendrosa d'aquell infant esquerp
entre la pau humil de les darreres cabres.
Vull besar aquella fam que li afina la passa
i posar um somni llen en el caní rapat
i el reflexe darrer de la nostra mimosa.*

Colocarei o meu amor, tão longo como as veias,
na boca de cinza daquele menino esquivo
entre a paz humilde das derradeiras cabras.
Quero abraçar a fome que lhe dá aquele passo sutil,
pousar um sonho leve na sua cabeça rapada
e o reflexo da flor da nossa mimosa. (SÜSSEKIND; 2001, p.306-307).

Cabral adiantou na introdução a *Quinze poetas catalães* que algum dia apresentaria também uma outra série dos poetas mais antigos e, especialmente uma seleção de poesias de Carles Riba, “[...] cuja transposição para a língua portuguesa tenho a

ponto de concluir”. (SÜSSEKIND, 2001, p.277). Tudo indica que sua transferência para o Consulado Geral de Londres, em 1950, interrompeu esse e outros projetos de seu período catalão, como a edição da revista *O cavalo de todas as cores*, que apenas conheceu o primeiro número de 1950.⁸

Outra hipótese mais segura para o abandono da tradução estaria na difícil retomada de sua própria poesia, compartilhada com Bandeira em carta de 3 de dezembro de 1949: “Ando com muita preguiça e lentidão trabalhando num poema sobre o nosso Capibaribe. A coisa é lenta porque estou tentando cortar com ela muitas amarras com minha passada literatura gagá e torre de marfim” (SÜSSEKIND, 2001, p.114). Além do impacto com a notícia de que a expectativa de vida no Recife era de 27 anos, o convívio com poetas tão entranhadamente comprometidos com sua terra natal talvez tenha contribuído a que Cabral voltasse a seu lugar de origem a partir de *O cão sem plumas*.

O estudo da obra de um poeta tem muito a ganhar com a inclusão de suas traduções de poesia, desde que as consideremos como um texto paralelo e não subsidiário, tanto em relação à poesia no idioma original, quanto à poesia do tradutor.

CARVALHO, R. S. De. From Catalan to Portuguese: João Cabral Translator. *Revistas de Letras*, São Paulo, v.49, n.1, p.137-149, Jan./June 2009.

- **ABSTRACT:** *This essay focuses on the translations of Catalan poetry by João Cabral, seen both from the viewpoint of his poetical trajectory and from its publication in the Revista Brasileira de Poesia, in 1949.*
- **KEYWORDS:** *João Cabral. Catalan Poetry. Translation.*

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, M. **Noções de histórias das literaturas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1969.

BARENYS, N. (Org). **Epistolari, Rosa Leveroni Josep Palau i Fabre**. Barcelona: L'Abadia de Montserrat, 1998.

⁸ Sobre esse periódico, consultar artigo de nossa autoria “*O Cavalo de Todas as Cores*. Uma revista editada por João Cabral de Melo Neto”, na *Revista USP* (CARVALHO, 2007).

- CARVALHO, R. S. de. O Cavalo de Todas as Cores. Uma revista editada por João Cabral de Melo Neto. **Revista USP**, São Paulo, n. 73, p. 12-116, mar./maio 2007.
- DOWNES, L. S. O internacionalismo da poesia e o papel do tradutor. **Revista Brasileira de Poesia**, São Paulo, v.1, n.3, p.12-13, ago. 1948.
- IVO, L. **E agora adeus**: correspondência para Lêdo Ivo. São Paulo: Instinto Moreira Salles, 2007.
- MAMEDE, Z. **Civil geometria**: bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto, 1942-1982. São Paulo: Nobel: EDUSP, 1987.
- MANENT, M. Notes sobre llibres. **Ariel**, Barcelona, ano 2, n. 9, p. 31, abr. 1947.
- MELO NETO, J. C. **Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- NUNES, B. A Geração de 45 e João Cabral. In: _____. **João Cabral**: a máquina do poema. Brasília: Ed. da UNB, 2007. p.139-173.
- PERUCHO, J. Dos llibres de Josep Palau Fabre. **Ariel**, Barcelona, ano 2, n.14, p.117, dez. 1947.
- SILVA, D. C. da. Psicologia da composição. **Revista Brasileira de Poesia**, São Paulo, v.1, n.2, p.79-80, abr. 1948.
- RAMOS, P. E. da S. O Neo Modernismo. **Revista Brasileira de Poesia**, São Paulo, v.1, n.1, p.2-4, dez. 1947.
- ROMEU I FIGUERAS, J. Joan Barat: Poemes. **Ariel**, Barcelona, ano 2, n.10, p.48, jun. 1947.
- SÜSSEKIND, F. (Org.). **Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa Rui Barbosa, 2001.
- TRIADÚ, J. Brasil i Catalunya. **Ariel**, Barcelona, ano 3, n.16, p.40, abr. 1948.

